

ESTUDO ECOLÓGICO DE SÉRIE TEMPORAL SOBRE HOMICÍDIOS NO ESTADO DO PARANA ENTRE 2016 À 2020

RESUMO

Guilherme Benhour Moura
Graduado em Engenharia
Industrial – UFPR.
Graduando em Engenharia
Mecânica – UFPR
Curitiba – Paraná – Brasil
guilherme@duck.com

Clóvis Wanzinack
Doutora em Desenvolvimento
Regional e docente na UFPR
Matinhos – Paraná – Brasil
cloviswa@gmail.com

Recebido: 12/04/2023

Aprovado: 25/04/2023

DOI:

<http://dx.doi.org/10.5380/gestus.v5i0.90397>

A violência é considerada um problema de saúde pública por ser uma das principais causas de mortalidade prematura no mundo, resultando em diversos impactos que afetam a população. Este é um estudo ecológico de série temporal sobre homicídios entre 2016 à 2020 realizado no Estado do Paraná. Os dados foram extraídos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) por categorias: gênero, idade, raça/cor, estado civil, local de ocorrência e CID (X85 à Y09 e Y35 à Y36). A análise dos dados demonstra que no período ocorreram 12.661 mortes violentas no estado, sendo 91,4% (11.575) do gênero masculino e 8,6% (1.083) do gênero feminino. Considerando apenas a faixa etária, a maior parte dos homicídios compreende as idades de 20 à 29 anos, totalizando 4.553 óbitos nos últimos 5 anos, sendo 93,7% (4.266) do gênero masculino e 6,3% (287) gênero feminino. Nesta mesma faixa etária verifica-se a maior diferença percentual entre os gêneros. Uma maior semelhança foi observada entre 5 à 9 anos, sendo o percentual de ambos os gêneros igual à 50% (11). Analisando os homicídios de acordo com cor/raça, percebe-se que brancos do gênero masculino corresponderam à 65,7% (8.316) dos homicídios, seguidos dos pardos com 21,2% (2.679) e pretos 3,3% (415). No gênero feminino, brancos também morrem mais que pardos e pretos, contudo com taxas menores, respectivamente: 6,4% (815), 1,6% (201), 0,3% (44). Em relação a idade escolar, 39,8% (4.612) dos homicídios do gênero masculino e 37,2% (403) dos homicídios do gênero feminino ocorreram com idade escolar entre 8 à 11 anos, ou seja, na faixa que compreende o ensino fundamental e médio. Independentemente do gênero, 71,4% (8.992) dos óbitos foram registrados entre os solteiros. Os dados mostram que o maior índice de homicídios do gênero feminino, 35,6% (386) ocorreram no domicílio, enquanto 42,6% (4.933) das mortes masculinas aconteceram em vias públicas. Disparos de arma de fogo (CID: X93 X94 e X95) são a maior causa das mortes para ambos os gêneros, sendo o masculino com 65,6% (7.603) e feminino 44,3% (480) dos casos. Destaca-se ainda que a intervenção legal foi responsável por 0,1% (1) mortes do gênero feminino, contudo correspondeu à 6,44% (745) dos óbitos masculinos. Considerando os municípios, Pinhais apresentou a maior taxa de óbitos para 100 mil habitantes, sendo 2074% e 270% para o gênero masculino e feminino. Compreender melhor as categorias que levam ao homicídio é um passo fundamental para criação de políticas públicas mais eficazes para minimizar os homicídios no Brasil e no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Homicídio. Violência. Violência de Gênero. Paraná.

INTRODUÇÃO

A violência é vista como um processo sócio-histórico-cultural, pois sempre fez parte da experiência humana. Atualmente é considerada um problema de saúde pública por ser uma das principais causas de morbimortalidade no mundo, resultando em diversos impactos que afetam tanto o indivíduo quanto a população.

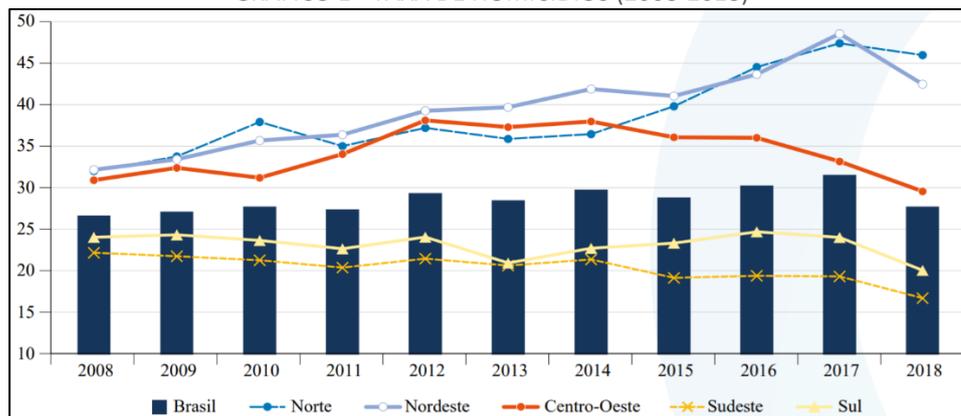
Segundo Minayo (2006), a violência é múltipla e multicausal, sendo difícil sua conceituação. A palavra de origem latina “vis” significa “força” e se refere às noções de constrangimento e uso da superioridade física ou psicológica sobre o outro. Os episódios de uso da violência se relacionam a conflitos de autoridade e soberania, a luta pelo poder e a vontade de domínio, de posse e de destruir o outro e/ou seus bens. Suas ocorrências são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas, segundo regras sociais mantidas por uso e costume, tradição ou aparato legal da sociedade.

Essa problemática remete a concepções de desenvolvimento e, nesse sentido, em pensar na vida humana em primeiro lugar. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência como a “utilização da força física ou poder, factual ou em ameaças, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo de pessoas ou uma comunidade, que ocasione ou tenha grande possibilidade de ocasionar em lesão, morte, dano psicológico, deficiente desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002).

Dentre os diferentes tipos de violência que se manifestam na sociedade, o homicídio é o resultado mais visível de comportamentos violentos interpessoais registrados em estatísticas oficiais. Em 2017, as taxas de homicídios no Brasil, segundo dados do SIM do Ministério da Saúde foram de 34 homicídios a cada 100 mil habitantes. Ao todo, ocorreram 65.602 homicídios em 2017 no Brasil, um aumento de 4,94% em relação a 2016. Este montante coloca o Brasil como o país que registra o maior número absoluto de homicídios no planeta, respondendo por cerca de 10% de todos homicídios do mundo.

Em 2018, as taxas de homicídios no Brasil, segundo dados do SIM do Ministério da Saúde foram de 27,8 homicídios a cada 100 mil habitantes. Ao todo, ocorreram 57.956 homicídios em 2017 no Brasil, uma redução de 11,7% em relação a 2017.

GRÁFICO 1 - TAXA DE HOMICÍDIOS (2008-2018)

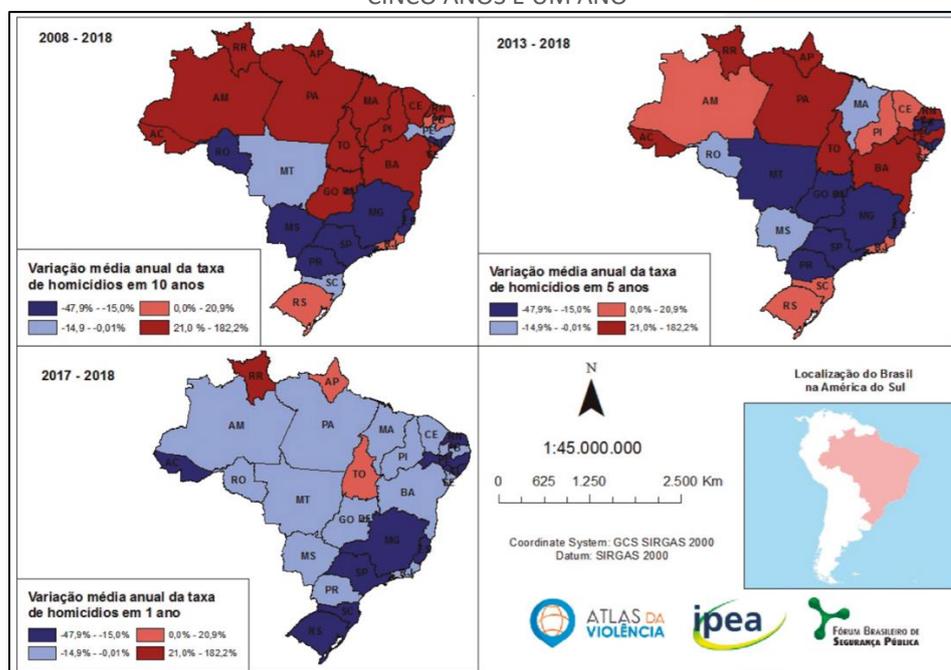


FONTE: IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2020), adaptado de Diest/Ipea e FBSP, (2020).

NOTAS: O número de homicídios na região de residência foi obtido pela soma dos CIDs 10 X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Variações na taxa de homicídios ocorrem continuamente, porém suas manifestações foram se alterando ao longo do tempo, gerando distintos impactos para quem sofre diretamente, para suas famílias, comunidades e até países. A violência também se constitui, portanto, em uma complexa problemática, que perpassa questões de gênero, raça/etnia e da geografia (DAS, 1999; DEBERT & GREGORI, 2008; SCOTT, 1996; SILVA, 2003; WERNECK, 2016).

FIGURA 1 - VARIAÇÃO NAS TAXAS DE HOMICÍDIOS POR UF NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS, CINCO ANOS E UM ANO



FONTE: IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2020), adaptado de Diest/Ipea e FBSP, (2020).

NOTAS: O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma dos CIDs 10 X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), o termo violência define-se como o uso intencional de força física, real ou em ameaça, contra si próprio, outro indivíduo, grupo ou comunidade, podendo resultar em lesão, dano psicológico e morte. Hoje é considerada um problema de saúde pública por ser uma das principais causas de morbimortalidade no mundo, resultando em diversos impactos que afetam tanto o indivíduo quanto a população.

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID), além dos acidentes e outras lesões, as agressões autoprovocadas de maneira voluntária e a violência interpessoal também são consideradas causas externas.

A violência alcança diversos níveis de cidadania, na medida em que atinge diferentes raças/etnias, faixas etárias, gêneros e territórios. Assim, ao considerar a representatividade deste problema, o Ministério da Saúde (MS) elaborou a Política de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violência, regulamentada pela Portaria MS/GM nº 737 de 16 de maio de 2001, aprovada pela Comissão Intergestores Tripartite (CIT) através da Resolução nº 309 de 8 de março de 2001.

A violência afeta homens e mulheres de diferentes maneiras e em diferentes fases da vida: desde a infância, adolescência, idade adulta, até a velhice. Diferentes manifestações de violência causam além do inconveniente para aqueles e aquelas que sofrem diretamente dela, grande prejuízo para toda a população, uma vez que muitas ações, políticas e recursos de um país são destinados à prevenção e consequências dessa manifestação (SIGNORELLI; AUAD; PEREIRA, 2013).

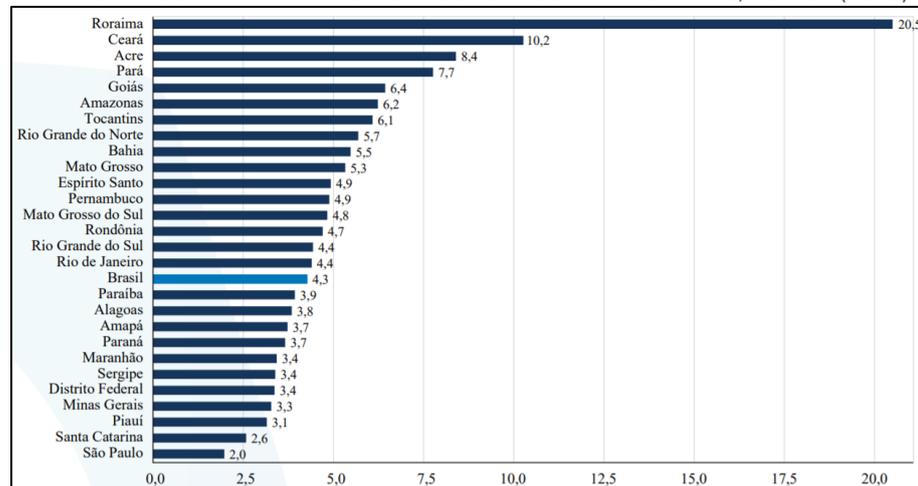
Não existe consenso quanto ao conceito de violência. Minayo e Souza (1998), sugerem que a violência precisa ser analisada na perspectiva da sociedade que a produziu, pois, o fenômeno se nutre de fatos políticos, econômicos e culturais traduzidos nas relações cotidianas que, por serem construídos por determinada sociedade, e sob determinadas circunstâncias, podem também por ela ser desconstruídos e superados. A violência, nessa perspectiva, é um fenômeno complexo e desencadeado por múltiplos fatores e, portanto, precisa ser visto no contexto, meio cultural, território e momento histórico em que acontece.

A OMS tipifica a violência conforme suas características empíricas como sendo: violência auto infligida ou também chamada autoprovocada, violência interpessoal e violência coletiva. A violência auto infligida abrange comportamentos suicidas, automutilações e auto abusos, que são praticados contra si próprio, tendo como ápice a consecução do suicídio. A violência interpessoal é a que ocorre entre duas ou mais pessoas e pode ser dividida em: violência doméstica ou também denominada intrafamiliar, e violência comunitária ou também denominada urbana, embora também possa acontecer em áreas rurais. A violência interpessoal tem como ápice o homicídio, que é a manifestação mais trágica da violência interpessoal pois extermina a vida do outro. Tanto suicídio quanto homicídio são consideradas violências letais. Já a violência coletiva é subdividida em social, política e econômica, manifestando-se por meio de guerras, ações terroristas, chacinas, entre outras formas violentas praticadas contra coletividades (KRUG, 2002).

A reflexão sobre as causas das violências deve ser realizada sem a adoção de visões reducionistas, mas considerando toda complexidade que cerca o problema. As questões de gênero, junto com as desigualdades sociais, são elementos centrais na reprodução de violência. Não é adequado utiliza-se de visões deterministas, as quais associam pobreza à violência, ou mulheres à vitimização, chamando-se atenção para o fator desigualdade (social e de gênero), que permeia o problema e

se manifesta no seio das assimetrias de poder, seja entre homens e mulheres, ricos e pobres, heterossexuais e não-heterossexuais, fazendo distintas formas de violência se perpetuarem em nossa sociedade (WANZINACK; SIGNORELLI; REIS, 2018).

GRÁFICO 2 - TAXA DE HOMICÍDIOS POR 100 MIL MULHERES, POR UF (2018)



FONTE: IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2020), adaptado de Diest/Ipea e FBSP, (2020).

NOTAS: Número de homicídios de mulheres na UF de residência foi obtido pela soma dos CIDs 10 X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

Um estudo de Signorelli, Auad e Pereira (2013), analisou uma região pouco desenvolvida do litoral do Estado do Paraná e mostrou que os casos de violência doméstica contra mulheres são maiores fora da temporada de verão, quando homens ficam ociosos e sem trabalho.

Um aspecto evidente é que a violência doméstica contra mulheres praticada por filhos, netos e pais/padrastos também é tão frequente quanto aquela praticada por maridos/companheiros. Ou seja, para eles/as a violência doméstica aparece predominantemente como fruto de conflitos nas relações entre homem e mulher, incluindo companheiro/companheira, filho/mãe, pai/filha, padrasto/enteada, neto/avó. Isso denota referenciais a partir de relações de gênero, embora nem a categoria gênero nem os desdobramentos com base nas suas desigualdades foram mencionados. (SIGNORELLI; AUAD; PEREIRA, 2013).

Signorelli, Auad e Pereira (2013), citam que naquele território a violência doméstica não recai somente sobre mulheres, sendo comuns casos de violência familiar e propagação intergeracional da violência. Isto demonstra como a violência está muitas vinculada a laços familiares.

Tanto as diferentes modalidades de violência, num ponto de vista mais amplo, quanto a violência homicida num aspecto mais específico, causam diversas consequências para as pessoas e espaços onde se manifestam. Os impactos incluem desde o trauma individual sofrido pelas vítimas e familiares, até impactos na economia, uma vez que grande quantidade de recursos são deslocados para ações de combate à violência. Estima-se que no Brasil, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2017), o custo da violência atinge 5,9% do PIB

(Produto Interno Bruto), o que corresponde a R\$ 372 bilhões a cada ano (WANZINACK, 2018).

Homicídios existem nas mais diversas macros e microrregiões brasileiras, porém sua distribuição geográfica não se dá de forma homogênea. Os homicídios vêm aumentando nos últimos anos tanto nas capitais e regiões metropolitanas, como no interior, inclusive em municípios de menor porte (WANZINACK; SIGNORELLI; REIS, 2018).

METODOLOGIA

Neste trabalho apresenta-se uma análise dos dados oficiais de violências do Estado do Paraná, obtidos por meio dos registros oficiais do Ministério da Saúde. Foram consultados dados de mortalidade por homicídio do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A partir desses dados, será buscado traçar um retrato de todas as violências letais (homicídios) do Estado do Paraná entre os anos de 2016 e 2020.

Um período de análise mais prolongado auxilia na compreensão das evoluções ou declínios dos casos relatados nas fichas de notificações com maior precisão dos dados, que foram obtidos a partir do site do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN).

Serão analisados óbitos por agressões interpessoais/homicídios (códigos X85-Y09), incluindo os códigos (Y35 e Y36) que compreendem intervenções legais (mortes causadas por agentes do estado, como policiais, militares e outros) e óbitos autoprovocados/suicídios de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) por ocorrência.

Foi calculado a taxa de óbitos a cada 100.000 habitantes por gênero, de todos os municípios do Estado, foram utilizados dados do IBGE (censo 2010).

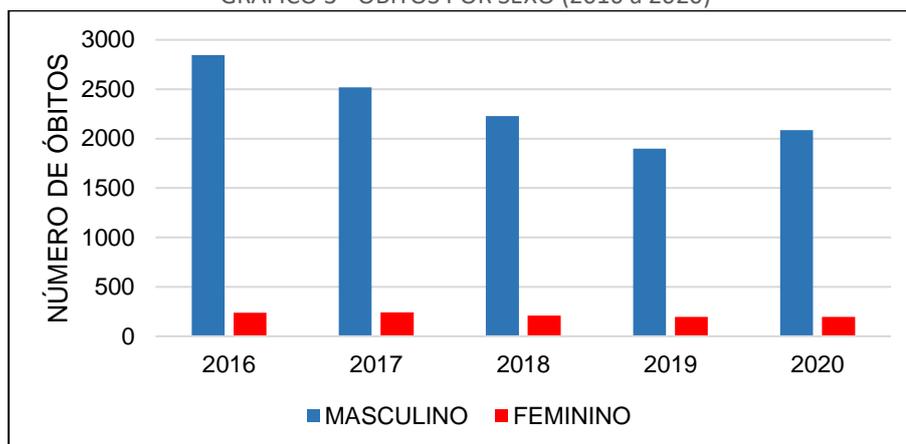
Por se tratar de pesquisa utilizando exclusivamente dados secundários de domínio público, está dispensada de submissão e aprovação pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Óbitos por sexo

A análise dos dados do GRÁFICO 3 demonstra que no período entre 2016 a 2020 ocorreram 12.661 mortes violentas no estado, sendo 91,4% (11.575) do gênero masculino e 8,6% (1.083) do gênero feminino. O GRÁFICO 1 permite observar uma redução da violência para ambos os gêneros no período, retornando ascensão para o gênero masculino e se estabilizando para o feminino.

GRÁFICO 3 - ÓBITOS POR SEXO (2016 a 2020)



FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

Óbitos por idade

Considerando apenas a observação das TABELAS 1 e 2, é possível observar que a maior parte dos homicídios compreende as idades de 20 à 29 anos, totalizando 4.554 óbitos nos últimos 5 anos, sendo 93,7% (4.266) do gênero masculino e 6,3% (287) gênero feminino. Nesta mesma faixa etária verifica-se a maior diferença percentual entre os gêneros. Uma maior semelhança foi observada entre 5 e 9 anos, onde ambos os gêneros apresentam percentual de óbitos para a idade igual 50% (11).

TABELA 1 - ÓBITOS POR IDADE - SEXO MASCULINO (2016 a 2020)

IDADE	MASCULINO		
	T	TI(%)	TS(%)
Menor 1 ano	11	55,0	0,1
1 a 4 anos	11	64,7	0,1
5 a 9 anos	11	50,0	0,1
10 a 14 anos	56	0,0	0,5
15 a 19 anos	1465	93,2	12,7
20 a 29 anos	4266	93,7	36,9
30 a 39 anos	2860	91,5	24,7
40 a 49 anos	1473	88,7	12,7
50 a 59 anos	778	87,4	6,7
60 a 69 anos	335	87,7	2,9
70 a 79 anos	152	83,5	1,3
80 anos e mais	51	91,1	0,4
<u>Inq</u>	106	96,4	0,9
TOTAL	11575	91,4	100,0

FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: T – Total; TI(%) - Percentual em relação ao total para a idade; TS(%) - Percentual em relação ao total para o sexo.

TABELA 2 - ÓBITOS POR IDADE - SEXO FEMININO (2016 a 2020)

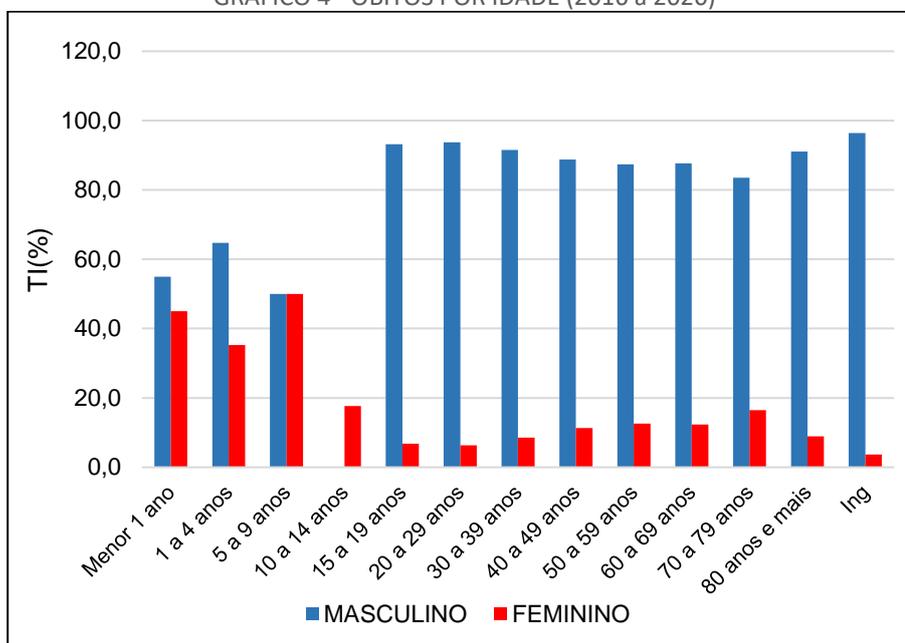
FEMININO			
IDADE	T	TI(%)	TS(%)
Menor 1 ano	9	45,0	0,8
1 a 4 anos	6	35,3	0,6
5 a 9 anos	11	50,0	1,0
10 a 14 anos	12	17,6	1,1
15 a 19 anos	107	6,8	9,9
20 a 29 anos	287	6,3	26,5
30 a 39 anos	266	8,5	24,6
40 a 49 anos	187	11,3	17,3
50 a 59 anos	112	12,6	10,3
60 a 69 anos	47	12,3	4,3
70 a 79 anos	30	16,5	2,8
80 anos e mais	5	8,9	0,5
Ing	4	3,6	0,4
TOTAL	1083	8,6	100,0

FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: T – Total; TI(%) - Percentual em relação ao total para a idade; TS(%) - Percentual em relação ao total para o sexo.

O GRÁFICO 4 apresenta o percentual de óbitos em relação ao total para a idade. Este demonstra que até os 9 anos o comportamento de violência é semelhante em relação ao total para a idade de ambos os gêneros.

GRÁFICO 4 - ÓBITOS POR IDADE (2016 a 2020)



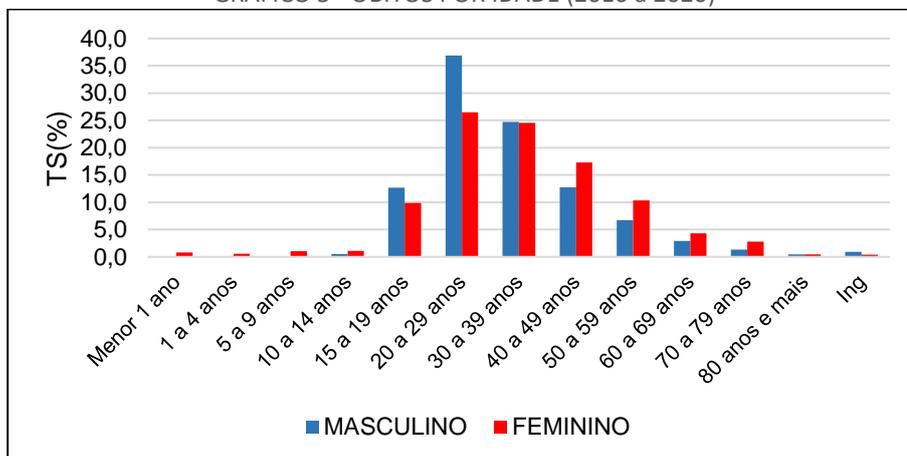
FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: TI(%) - Percentual em relação ao total para a idade; Ing - Ignorado.

O GRÁFICO 5 apresenta o percentual de óbitos em relação ao total para o sexo, e permite observar que o comportamento da violência atinge o gênero

feminino de forma muito semelhante ao masculino e chega a ser percentualmente predominante entre os menores de 1 ano até 14 anos e para idades maiores que 40 anos, mostrando como o gênero feminino também é gravemente afetado pela violência.

GRÁFICO 5 - ÓBITOS POR IDADE (2016 a 2020)



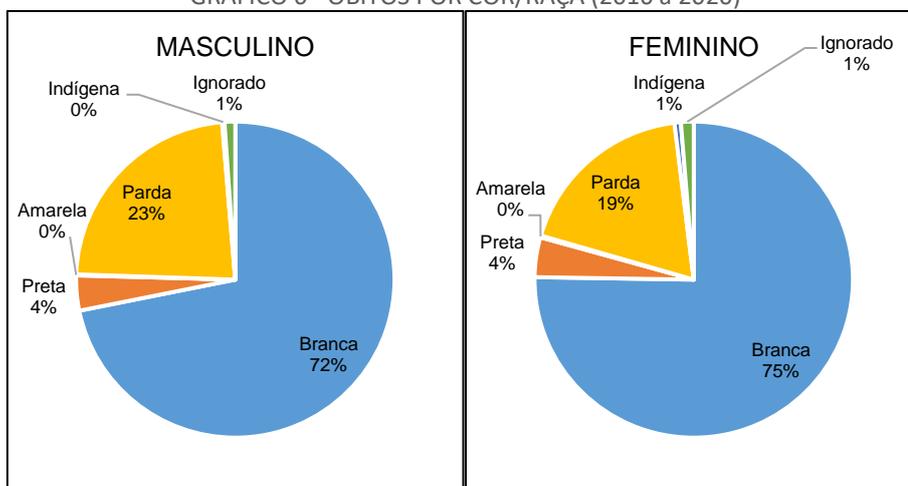
FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: TS(%) - Percentual em relação ao total para o sexo; Ing - Ignorado.

Óbitos por raça/cor

Analisando os homicídios de acordo com cor/raça (GRÁFICO 6), percebe-se que brancos do gênero masculino corresponderam à 71,7% (8.316) dos homicídios, seguidos dos pardos com 21,2% (2.679) e pretos 3,3% (415). No gênero feminino, brancos também morrem mais que pretos e pardos, contudo com taxas menores, respectivamente: 75,3% (815), 18,6% (201), 4,1% (44).

GRÁFICO 6 - ÓBITOS POR COR/RAÇA (2016 a 2020)

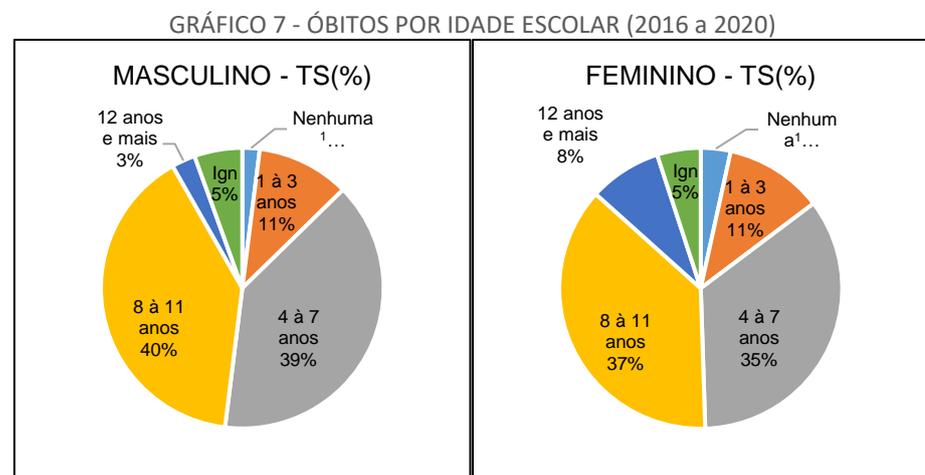


FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

Em relação a cor branca ter maior número de homicídios pode estar relacionada a questão de território e população. Será necessário futuramente efetuar um estudo sobre mais aprofundado sobre a taxa proporcional sobre raça/cor no território em estudo para uma melhor compreensão sobre o quesito homicídios e cor/raça.

Óbitos por idade escolar

Em relação a idade escolar (GRÁFICO 6), 39,8% (4.612) dos homicídios do gênero masculino foi com idade escolar entre 8 e 11 anos, ou seja, na faixa que compreende o ensino fundamental. O mesmo comportamento também é observado no gênero feminino onde foi verificado 37,2% (403) dos óbitos com idade escolar no ensino fundamental.



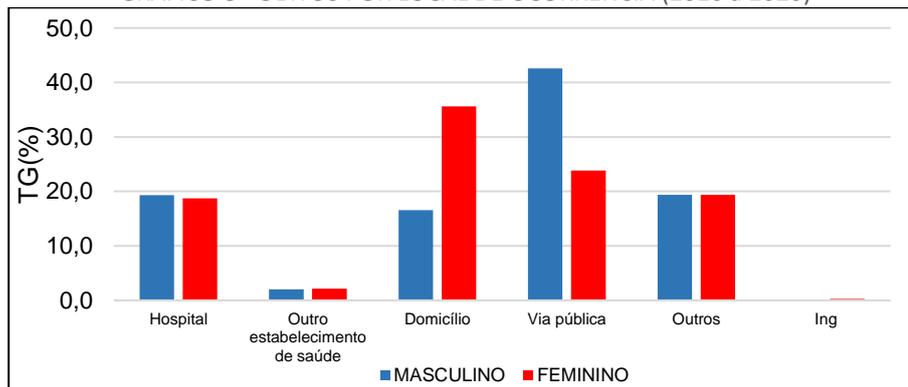
FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: ¹ - Idade inferior à um ano; TS(%) - Percentual em relação ao total para o sexo; Ign – Ignorado.

Os dados mostram que o maior índice de homicídios do gênero feminino – GRÁFICO 8, 35,6% (386) ocorreram no domicílio, enquanto 42,6% (4.933) das mortes masculinas aconteceram em vias públicas, o que mostra a diferença existente entre os gêneros em relação a exposição à violência.

Um ponto importante e ser discutido em estudos futuros, é a tipificação da violência por gênero, enquanto homens morrem mais na rua, as mulheres são vítimas no próprio ambiente do lar caracterizando como violência doméstica, algo caracterizado pela idade em que a violência afeta este gênero.

GRÁFICO 8 - ÓBITOS POR LOCAL DE OCORRÊNCIA (2016 a 2020)



FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: TG(%) - Percentual em relação ao total para o gênero; Ing – Ignorado.

Óbitos por estado civil

Independentemente do gênero, 71,4% (8.992) dos óbitos foram registrados entre os solteiros – TABELA 3.

TABELA 3 - ÓBITOS POR ESTADO CÍVIL (2016 a 2020)

SEXO	MASCULINO		FEMININO		TOTAL
	T	TG(%)	T	TG(%)	
Solteiro	8337	72,0	655	60,5	8992
Casado	1402	12,1	178	16,4	1580
Viúvo	115	1,0	50	4,6	165
Separado judicialmente	523	4,5	84	7,8	607
Outro	658	5,7	53	4,9	711
Ignorado	540	4,7	63	5,8	603
TOTAL	11575	100	1083	100	12658

FONTE: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: TG(%) - Percentual em relação ao total para o gênero; Ing – Ignorado.

Óbitos por categoria do CID-10

Destaca-se ainda que a TABELA 4 que disparos de arma de fogo (CID: X93 X94 e X95) são a maior causa das mortes para ambos os gêneros, sendo o masculino com 65,7% (7.603) e feminino 44,3% (480) dos casos.

Permite observar que a intervenção legal foi responsável por 0,1% (1) mortes do gênero feminino, contudo correspondeu à 6,44% (745) dos óbitos masculinos. Compreender melhor as categorias que levam ao homicídio é um passo fundamental para criação de políticas públicas mais eficazes para minimizar os homicídios no Brasil e no mundo.

TABELA 4 - ÓBITOS POR CATEGORIA DO CID-10 (2016 a 2020)

CATEGORIA CID-10	MASCULINO	S(%)	FEMININO	S(%)	IGN	S(%)	TOTAL
X85 Agressão por meio de drogas, medicamentos e subs. biológicas							0
X87 Agressão p/ pesticidas	2	0,02					2
X90 Agressão prod. químicos e subst. nocivas NE	3	0,03					3
X91 Agressão enforcamento, estrangulamento, sufocação	171	1,48	81	7,48			252
X92 Agressão p/meio de afogamento e submersão	11	0,10	7	0,65			18
X93 Agressão disparo de arma de fogo de mão	871	7,52	54	4,99			925
X94 Agressão disparo arma fogo de maior calibre	32	0,28	3	0,28			35
X95 Agressão disparo outra arma de fogo ou NE	6700	57,88	423	39,06			7123
X96 Agressão p/meio de material explosivo	1	0,01					1
X97 Agressão p/meio de fumaça fogo e chamas	46	0,40	26	2,40	2	66,66	74
X98 Agressão vapor água gases ou objetos quentes	1	0,01					1
X99 Agressão objeto cortante ou penetrante	1852	16,00	326	30,10			2178
Y00 Agressão p/ meio de um objeto contundente	502	4,34	72	6,65	1	33,33	575
Y01 Agressão p/meio projeção de um lugar elevado	4	0,03					4
Y02 Agressão projeção colocar vítima obj. movimento	2	0,02	1	0,09			3
Y03 Agressão p/meio de impacto veículo a motor	10	0,09	4	0,37			14
Y04 Agressão p/meio de força corporal	436	3,77	41	3,79			477
Y05 Agressão sexual p/meio de força física	1	0,01	5	0,46			6
Y06 Negligencia e abandono	2	0,02	1	0,09			3
Y07 Outras síndromes de maus tratos	5	0,04	1	0,09			6
Y08 Agressão p/ outros meios especificados	14	0,12	6	0,55			20
Y09 Agressão p/meios NE	164	1,42	31	2,86			195
Y35 Intervenção legal	745	6,44	1	0,09			746
TOTAL	11575	100,00	1083	100,00	3	100,00	12661

Fonte: Adaptado de MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, (2022).

NOTAS: S(%) - Percentual em relação ao total de óbitos para o sexo; ING - Ignorado.

Mapas

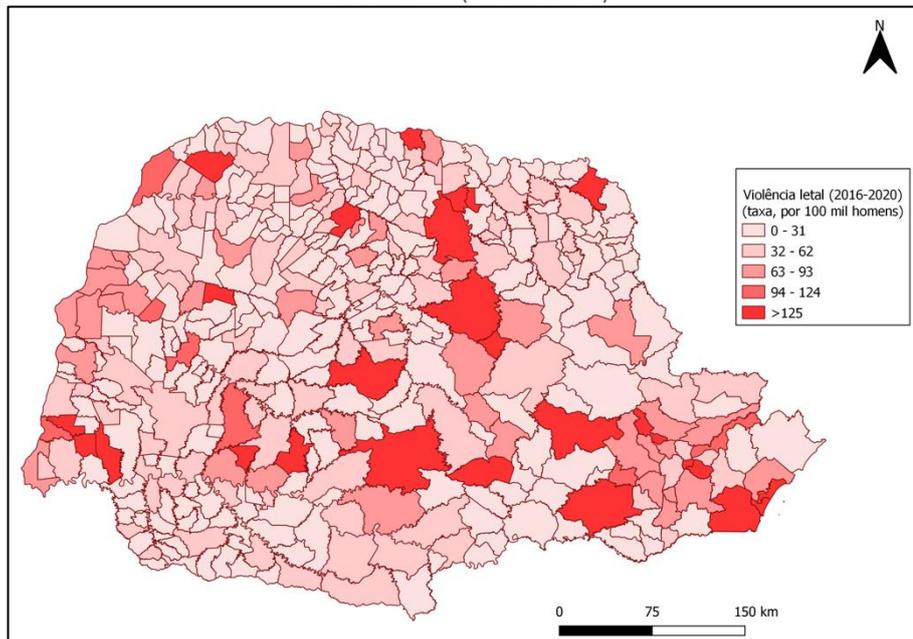
Os MAPAS 1 e 2 mostram como a violência se distribui entre os municípios do Estado, em relação ao total de óbitos para o sexo para 100.000 habitantes.

Para o gênero masculino as dez maiores taxas foram encontradas em: Pinhais (2.075), Maringá (1.262), Londrina (1.120), Matinhos (795), Moreira Sales (672), Ponta Grossa (660), Ibiporã (593), Guarapuava (589), Ortigueira (498) e Guarapuava (441).

O gênero feminino apresentou um comportamento com altas taxas de violência de forma espalhada pelo interior do Estado. As dez maiores taxas foram observadas nas cidades de: Pinhais (271), Londrina (102), Maringá (102), Irati (79), Matinhos (78), Ponta Grossa (61), Ortigueira (60), Guarapuava (44), Guaratuba (43) e Moreira Salles (43).

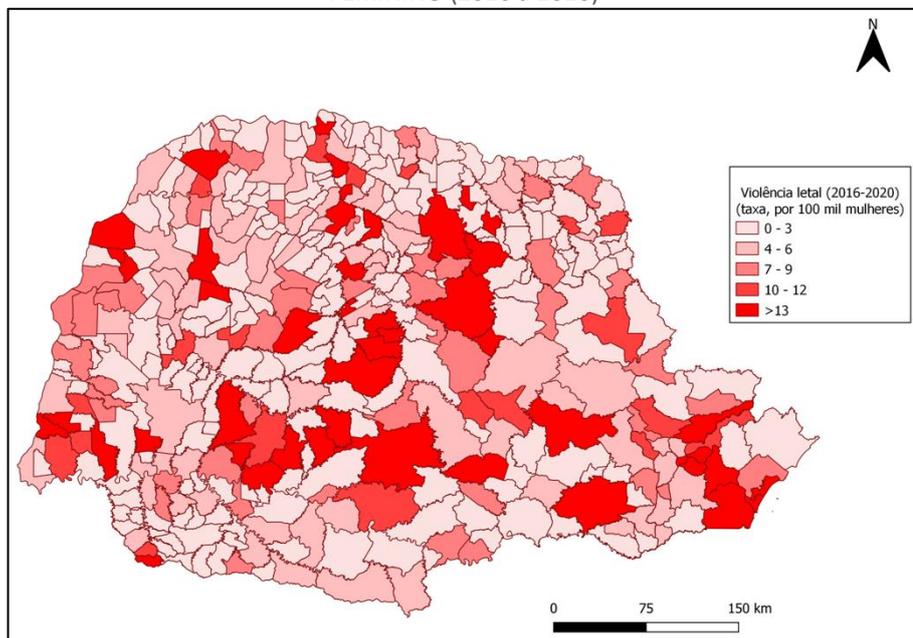
Avaliando os mapas e os índices é perceptível observar que a violência não atinge apenas grandes cidades e suas regiões metropolitanas, mas também é brutal em cidades pequenas do interior e do litoral. Moreira Salles, uma pequena cidade do oeste do Estado está presente entre as dez mais violentas cidades independentemente do gênero, pois nos últimos 5 anos teve 33 mortes violentas entre seus 1.862 habitantes.

MAPA 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS ÓBITOS POR MUNICÍPIO NO ESTADO DO PARANÁ - SEXO MASCULINO (2016 a 2020)



FONTE: Os autores (2022).

MAPA 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS ÓBITOS POR MUNICÍPIO NO ESTADO DO PARANÁ - SEXO FEMININO (2016 a 2020)



FONTE: Os autores (2022).

CONCLUSÃO

Os dados analisados demonstram que no estado do Paraná a maioria das mortes violentas ocorrem entre pessoas do gênero masculino, na faixa etária de 20 à 29 anos e com baixa escolaridade, permitindo concluir que este gênero é mais afetado pela violência social. A principal causa de morte, independente do gênero é por disparo de arma de fogo, fato que demonstra o fácil acesso à armas.

A maioria dos óbitos do gênero feminino ocorrem em casa, já as mortes na rua são predominantes no gênero masculino, evidenciando como a violência entre mulheres se difere entre homens necessitando ampliar ainda mais os estudos sobre gênero e homicídio.

A análise da taxa de óbitos a cada 100.000 habitantes permitiu observar a brutalidade da violência em pequenas cidades interioranas, mostrando que esta atinge não somente os grandes centros urbanos, onde é tipicamente midiaticizada, mas sim os confins do Estado, onde a disseminação da informação é complexa e restrita.

As contribuições desta pesquisa referem-se à investigação de fatores demográficos, sociais e econômicos que possam estar associados à violência, assim direcionando subsídios referentes a políticas públicas com ampliações em ações preventivas, em determinados gêneros, idades, raça/cor, territórios entre outros fatores que apontaram maiores médias de violência.

Critérios de direcionamento de verbas públicas mais eficazes poderiam ser aplicados principalmente entre os grupos populacionais mais vulneráveis, na busca de melhorar determinantes socioambientais para o enfrentamento dessa problemática.

REFERÊNCIAS

DAS, V. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas Wittgensteinianos. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v.14, n. 40, p. 31-42, jun. 1999.

DEBERT, G. G.; GREGORI, M. F. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 23, n. 66, p. 165-185, fev. 2008.

IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Atlas da Violência, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116.riatlasdaviolencia2020>. Acesso em: 05 nov. 2022.

KRUG, E. G. Relatório mundial sobre violência e saúde. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.

MINAYO, M. C. de S. Violência e saúde. Scielo-Editora Fiocruz, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza e Souza, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 1999, v. 4, n. 1, pp. 7-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000100002>>. Epub 19 Jul 2007. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/S1413-81231999000100002>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos Não Transmissíveis e promoção da Saúde. Viva: Instrutivo. Notificação de violência interpessoal e autoprovocada. [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2016 [acesso em 19 junho de 2021]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interperssoal_autoprovocada_2ed.pdf.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; KRUG, E. G. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico. Rio de Janeiro, 2010.

SIGNORELLI, M. C.; AUAD, D.; PEREIRA, P. P. G. Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 29, p. 1230-1240, 2013.

SILVA, J. M. Um ensaio sobre a potencialidade do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *Revista de História Regional*, v. 8, n.1, p. 31-45 2003.

SIM – Sistema de Informação de Mortalidade. Sistema Único de Saúde. DATASUS – Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>>. Acesso em 10 de setembro de 2022.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1996.

WANZINACK, C. Violência, território e desenvolvimento: uma proposta de análise dos Homicídios do Brasil baseada nos determinantes socioambientais da saúde. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Regional. Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina. 118f. 2018.

WANZINACK, C.; SIGNORELLI, M. C.; REIS, C. Homicides and socio-environmental determinants of health in Brazil: a systematic literature review. *Cadernos de saúde pública*, v. 34, p. e00012818, 2018.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde & Sociedade*, v.25, n.3, pp.535-549, 2016.